

Uma cor saiu da manhã outonal abrindo diante de mim uma brisa passageira. De tão ligeira, no seu caminho deixou um aroma simulando ser um pássaro anônimo que se foi, sem despedidas.

Não faço caso de algumas riquezas, me dedico a aceitar tudo como parte da vida. Nasci e vivo ocioso com meus vazios. Ignoro os principais elementos que preenchem as ausências e evitam as escassezes. Sem saber o que rompe as barreiras, ou como obter a simplicidade que reúne as gentes. Não sei nada dos alimentos do espírito nem da forma em que dá lugar a competência. Nunca privilegio existências, nelas há rastros de incômodos desejos e estes trazem consigo os cuidados que nunca aceitam ser artificiais e inessários.

Não cumpro os prazos com as urgências, me sinto afetado quando o interlocutor expressa intimidade.

Demito o desejo de assistir, me aceito desistido, fujo dos olhos que me convidem a ficar querendo dormir comigo à sombra.

Buscam-se novas orações onde caibam antigas palavras. Como se chama este idioma que em vão tenta registrar estes desconcertos prazerosos, sem itinerário, sem enredo, revestindo de coragem um protagonista sem recursos que oscila entre caça e caçador? Evidências de intimidades arrastando a poesia e o querer, intensidades e impulsos que borram a diferença entre o real e a fantasia.

Já não quero toda a beleza do mundo, basta-me contemplá-la. Ela não ficará sabendo do meu encantamento. Esse desejo único, saboroso, é cruel. Logo me conduzirei solene à minha solidão.

Há amores que se exaurem. Vencidos, temporais em suas habilidades, acabam desobrigados de seguir adiante.

Pude ver com meus próprios olhos o caminho da beleza nela talhada. Em poucas palavras, reúno todas as queixas para depois que ela parta.

O imediatismo oferece um fluxo de informação maior, porém sem construção do conhecimento.

Minha censura se rendeu frágil, polidamente deu-me passagem para examiná-la minuciosamente. Por isso, invento abraçá-la ardente e com um beijo elegante, selar uma silenciosa aventura guiada. Trago amostras da minha humanidade despertada. Devo persistir para que não se desvaneça esta conexão entre mim e ela. Nesta condição de rendição, agora que ela existe verdadeira, dei-me conta que reduzi à lembrança essa forma de segui-la recuperando, nos meus olhos.

De acordo com as promessas, seja o medo, o choro, por tudo que vivi, o cheio e o vazio, entendendo que isso é a saudade.

Minha singularidade, os sentidos inábeis que me fazem colaboram com a exigência que não combina comigo, nem com o personagem que nunca me interessou ser. Repudio a exibição que ainda me cerca.

A desgraça não existe sozinha; ela traz consigo outras adesões.

Dou a mínima à comitiva que insiste em querer me fazer pensar o que abomino, rechaço toda perversão estimulada e banalizada.

A descontinuidade dos meus afetos espera amparo e revitalização, adaptações. Na retomada, feita a nova importância à antiga lembrança, se houver fôlego, vou, sigo, retorno, o caminho é interminável, a maior parte dele não me pertence, nem me diz respeito. Na essência esse sub mundo perverso se oferece como modelo.

Malabaristas silenciosos se entregam ao canibalismo fictício, penetram o ouvido, a boca alheia, invadem o paladar, a moral, a privacidade.

Quando falta admiração, na falta de importância o vazio se propaga rapidamente, trazendo tanta angústia, que na decepção os amantes se movem sem direção, abraçados ao nada.

Os submissos se ordenam ao redor dos poderosos. Agrada-lhes disseminar a sua pequenez diante do apetite narcísico daqueles em que o orgulho exageradamente habita estas gentes sem escrúpulos.

Há sonhos tão impossíveis como toda felicidade.

A censura finge encantos para falsear promessas.

Saber atar e desatar os nós constrói redes, segura indignidades, amarra fúrias, contém as águias e os jaguares, as distâncias e as companhias.

Há feridas que se situam nos espaços longínquos, com tal evidência como o umbigo, são a referência da origem, conduzindo todas as estruturas que encontram, aderidas desde sempre como fonte e marca derradeira.

Não há percepção que a memória tardia não possa ser privada de destruir.

Acabaram-se os pretextos dos consolos diante da inutilidade das autoacusações, da pressa das horas, da ingenuidade das esperanças, das melhoras espontâneas, das inocências sequestradas. Acabaram-se as crenças cegas, os valores dos Valores, as luzes dos **faróis**-guia.

As dores não gritam, elas gemem, entram sem aviso pelo corpo descendo e subindo com uma decisão que não poupa espaços. Doem os tempos, os segredos, doem as casas vazias, as lágrimas, as peles, doem os afagos, o colo, doem as recordações.

Cifrada nas palavras caladas, uma declaração sentimental é servida no fogo das paixões, vara os poros, sangra pelos olhos, circula procurando albergue, ou uma pousada qualquer onde possa descansar.

Não é aconselhável multiplicar os mistérios e as mentiras, em algum momento eles irão ser revelados. Ressentidos, deporão sem serem convocados, virarão teses que comprovam suas habilidades em construir disfarces.

Para onde vai o Minuano quando açoita os alpendres, dobra os postigos, fustiga os ciscos, põe em linha reta as poeiras, atravessa os Pampas, corre no frio, se perde na neblina? Para onde vai o Minuano correndo como rio, repetindo teimosias?

Afogadas as raízes em intranquilidades cotidianas perdem o foco ao enaltecer o alheio. Condenado a apagar a luz reiteradamente, fez um pacto com uma mal feita decadência.

As fúrias nos fazem dizer coisas que a nós pensamos. Elas fluem selvagens se apoderando da boca que se presta a vociferar pródigos e inconsequentes desfavores.

Lgrimas desobedientes saem dos seus cursos amputadas por um dor imprevista que se apresenta vestida de tristeza.

Depositam-se partidas sobre os agasalhos acumulados nos guarda-roupas, nos esquecidos das gavetas, nos livros sublinhados, nas músicas e nos arquivos gravados com os altibaixos por onde caminhou um amor nada linear.

Presumo que nas noites silenciosas desfilam trens emudecidos, vigílias mal conduzidas, vinganças protestando, muros envergonhados e lembranças inquietas que não conseguem e não deixam dormir.

Sem mim não chegarei a ser nada, sem os demais não chegarei a lugar algum.

Quando possuidores do segredo capaz de desvendar o outro, os amantes prevalecerão a justa expectativa do amado.

Um jogo distanciador guarda o silêncio das palavras cansadas; um sol de raios acumulados deixa marcas nos corpos aos domingos. Entrelaçados, o silêncio e o sol se encontram desde o início do mundo.

O consumismo tem um alto poder de adição: cria efeitos e dependências.

Imprevisível dizer quem terá êxito. As decisões se confundem em um mundo que negocia todo o tempo e se instala pela deterioração das confirmações e das abundâncias mal administradas.

Os urgentes têm compromisso em provar que o amor narcisista supera o amor objetal. Assim, sustentam seus modos de estabelecer relações efêmeras, superficiais e frágeis, no sentido das representações e no sentido vincular.

Antes que se superem antigas perdas, novas se impõem, nunca calculadas, desesperadas.

Atitudes básicas nos descobrem alimentando discretas fantasias redutoras das dores.

Quando cansados de estar confinados, os sentimentos encurtam a distância entre a boca e a palavra.

Sentei-me diante de mim, convoquei minha paciência, curioso para saber por que ela havia abandonado o tempo da espera, por que ela havia me alterado tão fortemente. Ela então me disse que eu havia mudado tanto minhas feições, que não me havia reconhecido, que meu rosto tinha perdido a frescura, e o sorriso desaparecido. Perdi-os do lugar onde sempre estiveram: dentro de mim.

Escrevo-te trapaceando. Não quero divulgar meu sonho nem meu medo. Olho mais longe, mais além de um desejo de estar atento a tudo o que me espera na vida. Levarei os olhos atentos, mantendo a calma, procurando um autêntico acreditar no próximo. Não obstante, muitas tramas buscam burlar os afetos.

O que me alcança perceber é que uma torrente que não posso ignorar, descendo memória abaixo e subindo peito acima alaga, sem consolo, o tempo perdido. Sem epilogar, toda a aventura de viver não cabe em nenhuma descrição, compensa, mas não autentica; acerta o verbo, mas erra o adjetivo; levanta a fronte e baixa os olhos. Quando ergue-se a memória, a paz não escolhida se interrompe. A vontade acima de tudo, comete erros que a prudência não tolera.

E quando seja permitido dizer, buscarei quem me escute. Sempre haverá alguma outra coisa que eu deseje mais do ser lido por alguém.